

# PROVÉRBIOS<sup>1</sup>

Marcela Faria (²)

mfilipaf@hotmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*

RESUMO: O trabalho aqui apresentado pretende esclarecer a situação dos provérbios ao nível do ensino, procurando esmiuçar o conhecimento destes por parte dos alunos do básico e secundário, revelar algumas ocorrências do texto proverbial na imprensa e, por fim, cruzar os resultados obtidos no sentido de se averiguar a produtividade de um estudo mais alargado na procura de um padrão relacionado com a dualidade rural/urbano. Assim, realizámos pesquisas no *corpus* CETEMPúblico e entregámos inquéritos a estudantes frequentadores dos níveis escolares acima referidos.

PALAVRAS-CHAVE: provérbios, ensino, texto jornalístico.

ABSTRACT: This paper aims at clarifying the role of proverbs at elementary and high school, by analyzing the students' knowledge on the subject. Besides, it also focus on the proverbs occurring on press in order to prove the productivity of a more extended research to determine whether there is a pattern concerning the rural/urban dichotomy. Therefore, we dealt with the corpus from CETEMPúblico and there was a survey based on questionnaires answered by students from the levels abovementioned.

KEY-WORDS: proverbs, school, press.

## *Introdução*

A noção de provérbio continua a gerar certa confusão porque é, de facto, bastante difícil definir em poucos traços que textos podem ser ou não considerados proverbiais. A existência de especificidades linguísticas da língua tais como as expressões idiomáticas, fraseologias, entre outras, faz com que, comumente a referência à categoria *provérbio* não se dê com toda a felicidade. Decidimos apoiar este projecto na tese de doutoramento da Professora Doutora Ana Cristina Macário Lopes<sup>3</sup> com o intuito de partir de uma base segura de trabalho sobre o tema em causa para a investigação.

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado no âmbito da unidade curricular “Projecto” do curso de Licenciatura em Ciências da Linguagem.

<sup>2</sup> Estudante do Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>3</sup> Macário Lopes, A.C. (1992) *Texto Proverbial Português Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Coimbra. Ver

<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/719/2/Texto%20Proverbial%20Portugu%C3%AAs.pdf>

Assim, segundo Macário Lopes (1992), “os provérbios têm sido definidos tradicionalmente como sentenças lapidares e concisas que o uso popularizou e consagrou. Ao contrário dos aforismos, apotegmas e máximas, textos breves que correspondem a ditos memoráveis de personagens ilustres, e que por isso mesmo possuem um autor reconhecido, os provérbios circulam sempre como textos anónimos, veiculados oralmente.” Há que referir também a variedade de termos existente referente à categoria proverbial, entre os quais se destacam “adágio”, “ditado”, “rifão” e “anexim”(Macário Lopes 1992: 9). A autora, citando Xavier da Cunha na obra “Filosofia popular em provérbios”, apresenta-nos as possíveis definições dos termos acima enunciados. O termo “Adágio” será empregue quando de um provérbio mais antiquado se tratar; “ditado” quando, em linguagem corrente se refere um adágio ou rifão, este último designa o provérbio que circula oralmente e, por fim, o termo “anexim” é tomado como um “axioma vulgar, ordinariamente em verso e com aliteração, em que se contém uma regra prática de moral com um sentido satírico alusivo e em forma metafórica.” (ver Macário Lopes 1992:9). Como vemos, a terminologia é variada e possuidora de limites esbatidos, pelo que, assumiremos como mais importantes as características da incógnita linguística do que a terminologia com que é nomeada. Faremos uso, tal como a autora da dissertação enunciada, do termo “provérbio” por uma questão de simplificação e uniformidade.

O presente projecto pretende averiguar a questão do texto proverbial no que ao conhecimento deste, por parte de estudantes de anos escolares terminais de dois modelos de ensino, nomeadamente o básico e o secundário, diz respeito tentando, posteriormente, cruzar os resultados obtidos com os da pesquisa de realizações ocorrentes num corpus específico do português<sup>4</sup> e com algumas ocorrências verificadas no texto jornalístico.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira relaciona-se com o estudo do conhecimento dos jovens em relação a alguns provérbios do português e a segunda centra-se num pequeno estudo de algumas ocorrências de provérbios em texto de imprensa, mais especificamente o texto jornalístico.

### *Metodologia*

Em relação ao cumprimento da primeira parte, decidimos questionar alunos do nono e décimo segundo anos de escolaridade (anos terminais do ensino básico e secundário, respectivamente) sobre o seu conhecimento ao nível proverbial. Neste sentido, optámos por delimitar o questionamento a cem alunos, número dividido pela metade em cada um dos ensinos.

---

<sup>4</sup> Corpus CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) ver <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>

No entanto, não nos foi possível alcançar o número cem, dadas as diferenças do número de alunos em distintas turmas. No total conseguimos apurar o conhecimento de cento e sessenta alunos. O apuramento final resultou da análise de oitenta inquéritos respondidos por alunos frequentadores do ano final do actual ensino obrigatório e oitenta por alunos do décimo segundo ano. A decisão decorreu de nos ter sido <sup>5</sup> apresentada a hipótese de que talvez pudesse existir uma correlação entre conhecimento proverbial e ruralidade do ambiente estudantil, pelo que escolhemos adoptar a sugestão e subdividir a análise a escolas situadas em ambiente considerado<sup>6</sup> urbano e em zona considerada rural já que esta opção em nada desvirtuaria o intuito inicial do projecto. Assim, o conjunto de respostas corresponde a quarenta inquéritos respondidos por alunos do nono ano de zona rural e quarenta de zona urbana juntamente com quarenta respondidos por alunos do décimo segundo ano de zona rural e quarenta de zona urbana.

A escolha dos provérbios a constarem no dito inquérito teve como base uma pesquisa no motor de busca Google<sup>7</sup>. Após essa pesquisa decidimos reunir vinte dos provérbios que encontrámos e procurar, utilizando o mesmo motor de busca, o número de realizações de cada um dos ditos. Assim, escolhemos cinco dos provérbios com maior e menor número de ocorrências para elaborarmos os inquéritos. A escolha destes dez provérbios foi completamente aleatória. Decidimos, também, pedir aos alunos que explicitassem a forma como aprenderam os provérbios e que explicassem o que entendiam por quatro deles, escolhidos de modo igualmente aleatório.

Para a realização da segunda parte do projecto, fizemos uma busca na internet e no corpus *Cetempúblico* com o intuito de elencar algumas das ocorrências encontradas. Os resultados obtidos serão, sucintamente, analisados na segunda parte do trabalho. No final, tentaremos relacionar a frequência das ocorrências no *corpus* com o grau de conhecimento demonstrado pelos alunos do ensino básico e secundário.

---

<sup>5</sup> Sugestão oral do Prof. Evanildo Bechara, na mesa redonda do 13º Congresso brasileiro de Língua Portuguesa do IP/PUC-SP. Instituto de pesquisas linguísticas, PUC, S.Paulo. 30 de Abril de 2010.

<sup>6</sup> A avaliação destas zonas como “rural” e “urbana” é retirada do relatório de Avaliação Externa das Escolas, do Ministério da Educação. Ver relatório rural e urbano, respectivamente: [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2010\\_DRN/AEE\\_10\\_Ag\\_Baixo\\_Barroso\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2010_DRN/AEE_10_Ag_Baixo_Barroso_R.pdf) e [http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_Agr\\_Rio\\_Tinto\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_Agr_Rio_Tinto_R.pdf)

<sup>7</sup> Colocou-se no campo de procura do motor de busca Google ([www.google.pt](http://www.google.pt)) “provérbios”

## Resultados

### 1- Inquéritos

#### Comparação Rural / Urbano 9ºano

PROVÉRBIOS	SIM		NÃO	
	E.U.	E.R.	E.U.	E.R.
“Quem tudo quer tudo perde.”	40	40	0	0
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	17	<b>20</b>	23	20
“Quem avisa amigo é.”	<b>40</b>	37	0	3
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	29	<b>31</b>	11	9
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	26	<b>29</b>	14	11
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	<b>31</b>	30	9	10
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	<b>4</b>	1	36	39
“Em Abril águas mil.”	<b>39</b>	37	1	3
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	31	31	9	9
“A fome é o melhor tempero.”	<b>13</b>	9	27	31
Total	535 / 800		265/800	

8

#### Comparação Rural / Urbano 12ºano

PROVÉRBIOS	SIM		NÃO	
	E.U.	E.R.	E.U.	E.R.
“Quem tudo quer tudo perde.”	39	<b>40</b>	1	0
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	24	<b>32</b>	16	8
“Quem avisa amigo é.”	39	39	1	1
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	34	<b>36</b>	6	4
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	33	<b>36</b>	7	4
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	<b>38</b>	37	2	3
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	4	<b>7</b>	36	33
“Em Abril águas mil.”	<b>39</b>	38	1	2
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	24	<b>39</b>	16	1
“A fome é o melhor tempero.”	<b>12</b>	6	28	34
Total	596/800		204/800	

<sup>8</sup> O maior número de ocorrências “sim” é marcado através da utilização de “bold”

Rural vs Urbano

PROVÉRBIOS	EU		ER	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
“Quem tudo quer tudo perde.”	79	1	<b>80</b>	0
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	41	39	<b>52</b>	28
“Quem avisa amigo é.”	<b>79</b>	1	76	4
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	63	17	<b>67</b>	13
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	59	21	<b>65</b>	15
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	<b>69</b>	11	67	13
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	8	72	8	72
“Em Abril águas mil.”	<b>78</b>	2	75	5
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	55	25	<b>70</b>	10
“A fome é o melhor tempero.”	<b>25</b>	55	15	65
Total respostas	800		800	

9ºano vs 12ºano

PROVÉRBIOS	SIM		NÃO	
	9º	12º	9º	12º
“Quem tudo quer tudo perde.”	<b>80</b>	79	0	1
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	37	<b>56</b>	43	24
“Quem avisa amigo é.”	77	<b>78</b>	3	2
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	60	<b>70</b>	20	10
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	55	<b>69</b>	25	11
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	61	<b>75</b>	19	5
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	5	<b>11</b>	75	69
“Em Abril águas mil.”	76	<b>77</b>	4	3
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	62	<b>63</b>	18	17
“A fome é o melhor tempero.”	<b>22</b>	18	58	62
Total respostas	1131		469	

2- Pesquisa no corpus

*par=ext159543-nd-94a-3*: Há um ditado que diz que **quem tudo quer** tudo perde.

*\*par=ext394822-soc-95b-1*: É que a densidade do património edificado é tão elevada e os pontos de interesse turístico - cultural são tantos que, nas pequenas ruelas de Constância, não é raro que se perca **quem tudo quer** ver.

*par=ext403899-clt-92a-1*: Não se mostre muito ansioso ou exigente pois **quem tudo quer** tudo perde.

*par=ext7557-soc-93a-2*: É caso para dizer: em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*par=ext26189-soc-92a-1*: Em **casa de ferreiro** espeto de pau, salientou Luís Duque, a propósito do adiamento da obra -- a realizar pelo próprio restaurante, e prevista há muito -- de instalação de tubos subterrâneos ligando os esgotos da unidade de pastelaria à rede geral.

*par=ext96053-nd-96a-2*: E, como é de evitar que em **casa de ferreiro** haja espeto de pau, espera-se o esclarecimento em 1996 do já velho caso do microfone - espião na PGR.

*par=ext253232-eco-93a-1*: Para que não se diga que em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*par=ext340774-des-97b-2*: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*par=ext359929-eco-94b-1*: Em **casa de ferreiro**...

*par=ext359929-eco-94b-2*: Em **casa de ferreiro**...

*par=ext380607-soc-97a-2*: Neste caso também na Rússia vale o ditado: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*par=ext578297-soc-95a-4*: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*par=ext668193-des-96b-2*: Em **casa de ferreiro**...

*par=ext675260-soc-94b-1*: Em **casa de ferreiro**...

*par=ext863154-soc-93a-1*: Até porque, em **casa de ferreiro**...

*par=ext990777-clt-92b-1*: Para que se não diga que em **casa de ferreiro**, espeto de pau .

*par=ext1120903-clt-95a-1*: Em **casa de ferreiro** espeto de pau, não é?

*par=ext1175606-clt-91a-2*: Quanto à gestão da sua poupança, José Luís Sapateiro não confirma o provérbio em **casa de ferreiro**, espeto de pau:

*par=ext1259148-soc-92b-1*: Na antiga Lourenço Marques vendia fruta, agora, em Lisboa, trabalha na construção civil e, para fazer jus ao ditado que diz em **casa de ferreiro** espeto de pau, mora numa casa abarracada nas Portas de Benfica.

*par=ext1384845-soc-96a-1*: Em **casa de ferreiro**...

*par=ext1390351-soc-95b-1*: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau podia servir de justificação para a Associação dos Artesãos não estar representada na Feirarte Amadora 95, uma iniciativa que visa promover o artesanato.

*par=ext1461972-soc-97b-4*: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*par=ext1548846-pol-93a-2*: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau.

*\*par=ext305646-nd-92a-1*: Ciente da situação de divisão que se vive entre os comunistas da central, é o independente Manuel Lopes **quem avisa**:

*\*par=ext762458-des-98b-2*: E é o próprio Olano **quem avisa**:

*\*par=ext1126673-soc-98b-2*: Conseguiu humilhar o comissário (que o ouvia do último banco, pálido) , tratando-o como um pelintra movido pela inveja e ciúmeira, mas sempre nos termos mais educados e na voz de **quem avisa** os passageiros de que aterrámos em Viena de Áustria.

*\*par=ext1467153-pol-92b-1*: ' ` Ié-Ié-Ié ', grita em voz arrastada, como **quem avisa** que vem aí mensagem importante.

*par=ext1162548-soc-95a-2*: É preciso entender o que esses homens e essas mulheres visaram, sem nos deixarmos envolver pela perspectiva romântica que os endeusa mas, no íntimo, não deixa de considerar que **quem se mete por atalhos**, merece os trabalhos que arranja.

*\*par=ext45296-clt-93a-2*: Como, depois dos **filhos criados**, depois de obra feita, me sobrava tempo -- outros preferiram continuar a ganhar dinheiro, eu preferi ganhar tempo; como consultor de empresas sou mais patrão de mim próprio do que empregado dos outros; não tenho patrões, tenho clientes; há que abandonar o jogo do poder que a gaiola dourada da profissão acaba por ser --, esta oportunidade de escrever crónicas no Público relançou a paixão antiga.

*\*par=ext655362-pol-94b-1*: Já com os cinco **filhos criados** (Maria de Fátima é pianista e concertista em Santo Domingo, Fernando é maestro em Paris, Francisco é biólogo, André é contabilista e Carlos Manuel administrador de empresas) , decide viver sete anos a fruta e vegetais.

*\*par=ext919357-nd-93a-1*: Ao gado e ao monte deve tudo o que hoje tem: **filhos criados** e um pé-de-meia apreciável para o meio.

*\*par=ext1094386-clt-92b-1*: A própria Farrow, que esteve quase sempre escondida, falando através do seu advogado, Alan Dershowitz [ o mesmo do caso Claus von Bulow ], passava de uma espécie de Madre Teresa de Calcutá a uma réplica de Joan Crawford na versão Momie Dearest: uma mãe no mínimo peculiar, que rasgou as roupas de Soon-Yi e lhe atirou com uma cadeira, quando descobriu as fotografias, e a quem acusam de fazer dos **filhos criados**, de os exhibir na televisão, de não os tratar da mesma maneira e de adoptar crianças de forma compulsiva.

*\*par=ext1450788-nd-91a-2*: Por esta razão e de modo paradoxal, na década de 70, a população estrangeira aumentou em lugar de diminuir e, para as famílias imigrantes -- reconstituídas, com mais **filhos criados** na Europa ou mesmo nascidos aí -- verificou-se um processo de imigração de facto.

*par=ext512102-pol-93b-2*: Grande **sorte ao jogo**

*\*par=ext1422396-soc-93b-1*: É o caso de Rovaniemen Markkinoilla, uma canção que conta a história de um pesquisador que vai ao mercado de Rovaniemi e decide tentar a sua **sorte ao jogo** com alguns dos inúmeros batoteiros que povoam a cidade nessa altura

*par=ext529132-clt-95b-2*: Henrique Cayatte, da direcção da APD, alertou para os perigos da total manipulação de imagens na era da digitalização, exemplificando com o jornalismo, e da cumplicidade do designer nos problemas éticos e sociais que se colocam quando a verdade é intencionalmente falsificada, porque **tão ladrão é o que** vai à vinha roubar as uvas como o que fica à porta.

*par=ext1356866-des-91b-2*: Nas ruas de Kinshasa, capital do Zaire, as crianças vasculham o lixo e **a fome é o** espectro que ressurgue das ruínas.

*par=ext1360550-nd-95b-1*: Mas, se o fosse, acho que Ihe chamaria Rabelais, embora pense, como o Sócrates da cicuta, que **a fome é o** melhor dos condimentos.

*par=ext1520308-nd-93a-1*: E não dizem que **a fome é o** melhor tempero? <sup>9</sup>

### *Discussão dos resultados*

No tratamento da informação dos inquéritos foram elaboradas quatro tabelas (acima apresentadas) que permitiram uma mais prática leitura dos dados obtidos. Em duas das tabelas referidas, podemos encontrar uma comparação entre os resultados relativos ao meio rural e meio urbano, quer ao nível do nono ano quer ao nível do décimo segundo, no sentido de se perceber se o ambiente geográfico é, ou não, um factor distintivo quando relacionado com a idade/escolaridade. Nas restantes, é feita uma comparação entre meio rural e urbano, sem distinção de escolaridade e uma comparação entre o nível de escolaridade sem que o meio seja tomado como variável.

Decidimos, antes de mais, explicitar algumas das características dos provérbios que fazem parte do nosso projecto.

Em relação a “Quem tudo quer tudo perde” e “Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos” estamos perante duas estruturas bipartidas e, por conseguinte, também ritmadas, em que temos “quem x a então x y” em que “x” é, no primeiro caso, “tudo” e, no segundo caso, “mete”.

Ainda de referir é o facto de estarmos diante de rima em “atalhos, trabalhos” e de sátira “quer, perde”, duas das características da categoria proverbial enunciadas no trabalho de Macário Lopes (1992). “Sorte ao jogo, azar ao amor” e “Casa de ferreiro, espeto de pau” são também bons exemplos de bipartição, característica geral de quase todos os exemplares deste tipo de texto. Em relação ao primeiro, a bipartição surge também ao nível semântico entre os antónimos graduáveis “sorte” e “azar” e, em relação ao segundo, apesar de a rima e a antonímia não estarem

---

<sup>9</sup> \* Ocorrências encontradas no *corpus* que nada têm que ver com os provérbios procurados

presentes, podemos constatar a oposição dos termos “pau” e “ferreiro”. É necessário salientar o facto de a metáfora, em exemplos como “Casa de ferreiro, espeto de pau”, estar claramente presente não sendo, no entanto, detectável pela totalidade dos alocutários. Aliás, pensamos ser na incapacidade de perceber o carácter metafórico deste tipo de texto que reside grande parte da falha de recepção comunicativa, por parte das gerações mais novas. Os provérbios “Filhos criados, trabalhos dobrados” e “Em Abril, águas mil” acrescentam, ao que foi dito em relação aos provérbios imediatamente acima expostos, apenas a presença de rima, que em si comporta um ritmo adjuvante à bipartição estrutural. No caso de “A fome é o melhor tempero” podemos referir a relação de sinonímia que nos é imposta entre “fome” e “o melhor tempero”, a estranheza que isso nos causa, tendo em conta que “fome” não é um tipo de tempero, e a consequência da relação que fazemos entre as ideias apresentadas, ou seja, a percepção do que é dito não explicitadamente, sem extrapolação de sentido: “quando uma pessoa tem fome não é exigente em relação à comida”. Quanto a “Pedir a avarento é caçar no mar” podemos constatar, mais uma vez, a presença de rima (“caçar” e “mar”) e a possível sinonímia, imposta pela terceira pessoa do indicativo presente do verbo “ser”, entre as expressões “pedir a avarento” e “caçar no mar”. Ainda sobre a presença do verbo “ser” nos provérbios, surge em “Quem avisa amigo é” uma ordem distinta da que consideramos característica do português europeu (SVO) onde teríamos “Quem avisa é amigo”. A focalização de determinados elementos, no caso o predicativo do sujeito, pode ser também uma característica dos provérbios no sentido de realçar a vertente de regra prática de moral (cf. Macário Lopes 1992). Existem mais realizações deste tipo como, por exemplo, “Quem num minuto escapa cem anos vive.”, “Quem feio ama, bonito lhe parece.”, “O que não tem remédio, remediado está”, entre outros. Por fim, no que a “Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta” diz respeito, temos a estrutura “tão x é y como z” característica da comparação e a oposição entre “o que vai à horta” e “o que fica à porta”. Nesta oposição há dois aspectos relevantes: um, a oposição “vai” e “fica” e dois, a rima em “horta”, “porta”.

Explicitadas algumas das características dos provérbios que nos dispusemos a trabalhar, passaremos à análise dos resultados propriamente ditos.

Na primeira tabela, relativa apenas ao nono ano de escolaridade, podemos verificar que não existe grande disparidade de valores entre os diferentes meios. Os três provérbios mais assinalados pelos estudantes foram, nos dois meios, “Quem tudo quer tudo perde”, “Quem avisa amigo é” e “Em Abril águas mil”. Enquanto “Pedir a avarento é caçar no mar”, “A fome é o melhor tempero” e “Casa de ferreiro, espeto de pau” foram os menos assinalados.

Se olharmos para os resultados da segunda tabela, que retrata os resultados relativos ao décimo segundo ano, constatamos ocorrências semelhantes. “Quem tudo quer tudo perde”,

“Quem avisa amigo é” e “Em Abril águas mil” são também os mais assinalados e “Pedir a avarento é caçar no mar”, “A fome é o melhor tempero” e “Casa de ferreiro, espeto de pau” os que são marcados como menos conhecidos.

Em relação à tabela comparativa entre os dois meios, podemos verificar que não existe grande desigualdade de valores. Apenas alguns casos pontuais como “Casa de ferreiro, espeto de pau” e “Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta” onde há uma diferença de onze e quinze respostas, respectivamente, sendo mais conhecidos no meio rural. Pensamos que esta questão se prende com razões semânticas no sentido em que os estudantes de meio rural poderão estar mais familiarizados com termos como “horta” e “ferreiro”. Em contrapartida, em relação a “A fome é o melhor tempero” são os inquiridos de zona urbana que revelam maior conhecimento do provérbio, o que, na nossa opinião, poderá estar relacionado com o facto de num meio rural, por questões culturais e regionais, não surgirem tantas situações propícias à enunciação do provérbio em causa.

No que à tabela em que surge a comparação entre os diferentes anos de escolaridade diz respeito, podemos referir um ligeiro aumento dos valores apresentados pelos alunos do ensino secundário. No entanto, não são valores muito díspares. É em relação aos provérbios que se mostraram menos conhecidos por todos que os educandos do décimo segundo ano se evidenciam com uma diferença de dezanove ocorrências em “Casa de ferreiro, espeto de pau” e catorze em “Filhos criados, trabalhos dobrados”, respectivamente. A questão da idade, na nossa opinião, poderá interferir com o conhecimento proverbial na medida em que, para além de maior experiência de vida, cultural e social, aos alunos mais velhos são, por vezes, sugeridos trabalhos de pesquisa complementar às aulas, por exemplo, das disciplinas relacionadas com a língua portuguesa e costumes regionais/nacionais, que podem despoletar a pesquisa de estruturas proverbiais.

Como referimos na metodologia, questionámos também os alunos sobre o modo como se familiarizaram com as estruturas proverbiais. As respostas foram, em ambos os níveis escolares e ambientes de integração, idênticas. “Através de familiares e pessoas mais velhas”, “Com os meus avós”, “Com a minha avó e tios”, “Oíço as pessoas mais velhas dizerem” são as respostas mais enunciadas. Desta forma, podemos formular a hipótese de que o conhecimento proverbial está, em grande parte, associado às gerações mais velhas, por conseguinte, mais experientes e às entidades ou indivíduos responsáveis pela educação das crianças.

Em relação às respostas sobre o que entendem por determinado provérbio, notamos uma tentativa de explicitação de ideias mais aprofundada por parte dos finalistas do ensino secundário. É, aliás, importante referir que muitos dos que assinalam não conhecer determinado provérbio

acabam por saber, de forma mais ou menos feliz, explicá-lo quando tal lhes é pedido. No entanto, as respostas, na generalidade, são semelhantes. Por “Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos” entende, a maioria dos questionados, “os caminhos mais curtos, às vezes, não são os melhores”, “quem tenta ter menos trabalho acaba por ter mais” e “os caminhos mais rápidos podem ser mais difíceis”. Em relação ao segundo provérbio que lhes era apresentado, para que explicassem o que dele conseguiam retirar, os alunos mais velhos conseguiram uma prestação mais positiva. A partir de “Filhos criados, trabalhos dobrados” a maioria conseguiu apreender a ideia “escondida” no provérbio, enquanto os mais novos, os alunos do nono ano, tiveram mais dificuldade, não produzindo qualquer explicação, respondendo “Não sei” ou deixando em branco e produzindo explicações como: “Dão mais trabalho quando têm os filhos porque também vão ter netos” e “Quanto mais filhos tiver mais trabalho tem”. O provérbio seguinte, “Pedir a avarento é caçar no mar”, obteve um número ainda maior de respostas em branco. No entanto, registam-se algumas respostas curiosas, no nono ano, como “Um avarento é “parvo” e por isso não vale a pena falar com ele”, “É tão difícil pedir a uma pessoa muito agarrada às coisas como caçar no mar” e, no décimo segundo “Os avarentos não gostam de dar nada a ninguém, por isso é a mesma coisa que ir caçar, por exemplo, um bisonte para o mar” e “Pedir ao peixe para se deixar pescar”. Quando se questiona “O que entende por “Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”?”, os estudantes que conhecem e explicam o provérbio conseguem, quase na totalidade, retirar a ideia principal, produzindo, quase todos, como referimos, respostas semelhantes: “Tão ladrão é o que rouba como o que manda ou assiste a isso”, “É tão culpado o que rouba como o que fica a vigiar” e “Quem ajuda é tão culpado como quem faz”.

Verificamos que as dificuldades transparecidas nos números das tabelas surgem também na análise das respostas às questões abertas, o que nos permite certificar, de certa forma, os números obtidos.

Em relação aos resultados na pesquisa do corpus temos três ocorrências como resposta à procura “quem tudo quer”, das quais duas são produtivas:

“*par=ext159543-nd-94a-3*: Há um ditado que diz que **quem tudo quer** tudo perde.”

“*par=ext403899-clt-92a-1*: Não se mostre muito ansioso ou exigente pois **quem tudo quer** tudo perde.”

Nos dois casos encontrados, a realização do provérbio não está alterada, encontra-se, por isso, o significado literal de que quem quer tudo, acaba por ficar sem nada. Ocorrendo, num dos casos, o contexto “Há um ditado que diz que” mostrando a consciência do locutor em relação ao facto de estar a utilizar um provérbio, ou ditado como o mesmo lhe chama.

Na pesquisa do provérbio “Casa de ferreiro, espeto de pau”, colocando-se no motor de busca “casa de ferreiro”, foram registadas vinte e uma ocorrências, das quais cinco realizações apresentam apenas início do provérbio seguido de reticências: “Em casa de ferreiro...”<sup>10</sup>.

“*par=ext7557-soc-93a-2*: É caso para dizer: em **casa de ferreiro**, espeto de pau.”

“*par=ext26189-soc-92a-1*: Em **casa de ferreiro** espeto de pau, salientou Luis Duque, a propósito do adiamento da obra -- a realizar pelo próprio restaurante, e prevista há muito -- de instalação de tubos subterrâneos ligando os esgotos da unidade de pastelaria à rede geral.”

“*par=ext96053-nd-96a-2*: E, como é de evitar que em **casa de ferreiro** haja espeto de pau.”

“*par=ext380607-soc-97a-2*: Neste caso também na Rússia vale o ditado: Em **casa de ferreiro**, espeto de pau, espera-se o esclarecimento em 1996 do já velho caso do microfone-espião na PGR”

“*par=ext1175606-clt-91a-2*: Quanto à gestão da sua poupança, José Luís Sapateiro não confirma o provérbio em **casa de ferreiro**, espeto de pau:”

“*par=ext1342657-soc-92b-1*: Na antiga Lourenço Marques vendia fruta, agora, em Lisboa, trabalha na construção civil e, para fazer jus ao ditado que diz em **casa de ferreiro** espeto de pau, mora numa casa abarracada nas Portas de Benfica.”

*par=ext1384845-soc-96a-1*: Em **casa de ferreiro**...

Este facto pode dever-se à esperada facilidade de recuperação do provérbio por parte do alocutário. Com esta elipse, o locutor está também, na nossa opinião, a resguardar-se porque o facto de não enunciar todo o provérbio faz com que se escape um pouco à responsabilidade do enunciado que citou. Convencionalmente, o enunciado “Casa de ferreiro” possui um significado, mas, pragmaticamente possui outro, na medida em que sabemos que é parte inicial de um provérbio. Há ainda que notar que em quatro das ocorrências é notória a consciência de que se está perante um ditado<sup>11</sup> ou provérbio.

A procura dos provérbios “Quem avisa amigo é”, “Filhos criados, trabalhos dobrados”, “Sorte ao jogo, azar ao amor”, “Pedir a avarento é caçar no mar” e “Em Abril águas mil” revelou-se curiosa na medida em que não existem quaisquer realizações dos provérbios no *corpus*.

No que a “Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos” diz respeito, podemos referir a existência de uma realização no *corpus*:

“*par=ext1162548-soc-95a-2*: É preciso entender o que esses homens e essas mulheres visaram, sem nos deixarmos envolver pela perspectiva romântica que os endeusa mas, no íntimo, não deixa de considerar que **quem se mete por atalhos**, merece os trabalhos que arranja.”

<sup>10</sup> São apresentadas apenas algumas das realizações encontradas. O critério de escolha prende-se com o facto de existirem realizações iguais, pelo que não seria produtivo apresentá-las todas aqui.

<sup>11</sup> Termo utilizado pelos locutores responsáveis pelas ocorrências do CETEMPúblico

Acerca desta realização podemos referir que estamos perante uma versão modificada do provérbio procurado. A introdução do verbo “merecer” quebra a anáfora existente na versão que procurávamos e cria, no nosso entender, a necessidade de um modificador para “trabalhos”, na medida em que não seja posta em causa a leitura de que os trabalhos merecidos são os que se arranjam pelo facto de se ter optado por um atalho e não uns trabalhos quaisquer.

O provérbio “A fome é o melhor tempero” surge em duas realizações, numa modificada e noutra tal como procurávamos:

“*par=ext1520308-nd-93a-1*: E não dizem que **a fome é o** melhor tempero?”

“*par=ext1360550-nd-95b-1*: Mas, se o fosse, acho que Ihe chamaria Rabelais, embora pense, como o Sócrates da cicuta, que **a fome é o** melhor dos condimentos.”

A primeira realização mostra-se muito produtiva na medida em que nos permite captar mais uma das características que os falantes retiram da categoria de texto proverbial: o carácter polifónico e indeterminado. A expressão “dizem que”, polifónica, suportada pela negação interrogativa, transporta um carácter indeterminado quase dogmático. Desta forma, o provérbio surge quase como um argumento de autoridade na defesa da opinião do enunciador do dito.

Em relação à procura “Tão ladrão é o que” existe uma ocorrência modificada do provérbio que procurávamos:

“*par=ext529132-clt-95b-2*: Henrique Cayatte, da direcção da APD, alertou para os perigos da total manipulação de imagens na era da digitalização, exemplificando com o jornalismo, e da cumplicidade do designer nos problemas éticos e sociais que se colocam quando a verdade é intencionalmente falsificada, porque **tão ladrão é o que** vai à vinha roubar as uvas como o que fica à porta.”

A realização é bastante interessante pelo facto de permutar os lexemas “horta” e “vinha”, desfazendo a rima entre “horta” e “porta”, que conferia ritmo ao provérbio, e também pelo facto de acrescentar “roubar as uvas”, explicitando o acto criminoso, o que na realização que procurávamos não sucede. Desta forma, para além de ritmo o provérbio perde também parte do seu carácter de implicatura.

### *O Provérbio no texto*

Não são raras as vezes em que nos deparamos, ao lermos textos jornalísticos, como, por exemplo, editoriais e artigos de opinião, com casos de intertextualidade que têm na sua base um texto proverbial. Encontramos, em alguns exemplos, apenas parte do provérbio e, noutros casos, o mesmo não surge na sua forma comum, “original”, mas alterado. Resolvemos pesquisar uma dessas ocorrências para que pudéssemos analisar, sucintamente, o contexto em que surgem, na

tentativa de percebermos melhor o carácter produtivo deste tipo de textos no discurso referido. Desta forma, o texto “Quando a esmola é grande...” apresentou-se-nos como um perfeito exemplo do que procurávamos, como passamos a elucidar. Antes de mais, podemos perceber que estamos perante a primeira situação acima referenciada, a de que, em alguns casos, encontramos apenas parte do provérbio “*Quando a esmola é grande...*” em lugar de “*Quando a esmola é grande o santo desconfia*”. O texto é um editorial da revista “Fugas” do jornal “Público”, em que se pretende informar o leitor das características de um famoso barco de recreio. À partida, pela escolha da autora do editorial, a situação mais normal seria a de o leitor pensar que as características iriam dissipar as expectativas associadas à fama de tal embarcação. No entanto, não é esse o caso. No término da leitura do editorial, podemos constatar que a utilização do provérbio, ou, sendo mais rigorosos, do início do provérbio, pretende despoletar no alocutário a ideia que se prende ao provérbio apresentado quando este se encontra descontextualizado: a de que uma determinada característica não estava tão presente como nos fizeram pensar que estaria.

Todavia, o que sucede é o oposto: as características que dão fama ao barco em questão não são fruto da utilização de uma hipérbole por parte de alguém, são, segundo a autora, reais e não passíveis de justificarem a desconfiança de um qualquer “santo” a quem se tenha dado uma esmola. O provérbio falha, neste caso, uma das funções para as quais pode ser evocado, a de autoridade indeterminada. Nesse caso, o da evocação de autoridade, o provérbio seria enunciado no sentido de comprovar o que é apresentado no texto a que serve. As duas situações são possíveis dado que utilizar um provérbio como argumento de autoridade ou como mecanismo cortador de expectativas, ou seja, criador de um rejuvenescimento argumentativo inesperado, é um artifício bastante produtivo no discurso jornalístico, mais especificamente em crónicas, editoriais e artigos de opinião. O carácter incerto adjacente à utilização de provérbios inacabados, acabados mas não iniciados e outras restantes modelações, a indeterminação quanto à origem do provérbio, fugindo ao plágio, e o estatuto social que este tipo de texto possui, no sentido de ser socialmente transversal e aceite, fazem do provérbio um texto atemporal e reutilizável no discurso de imprensa.

Para além deste texto que aqui analisámos, encontrámos outros exemplos. Como não os poderíamos analisar a todos de forma mais detalhada, decidimos colocá-los em anexo. Apesar de, como referimos, não termos analisado, detalhadamente, todos os textos que encontrámos na pesquisa que fizemos sobre provérbios no texto, pudemos, através de uma leitura concentrada, constatar algumas evidências. Cinco dos nove textos encontrados são produzidos em jornais regionais, o que poderá indicar uma maior utilização de provérbios na escrita produzida em zonas

menos urbanas. Há ainda que notar a utilização da categoria proverbial por mais do que uma vez pelo mesmo autor, o que poderá significar que a enunciação dos mesmos pode ser idiossincrática.

### *Conclusão*

No final deste projecto podemos concluir algumas ideias interessantes que podem, talvez, desencadear trabalhos futuros.

Primeiro, os inquéritos revelaram-se bastante elucidativos sobre a forma como os jovens adquirem o texto proverbial e também sobre os provérbios que são, de facto, mais regulares, em termos de conhecimento, entre a comunidade juvenil. No entanto, os mesmos não se mostraram muito eficazes na dissipação da problemática relacionada com o ambiente rural ou urbano. A dúvida permanecerá até que trabalhos futuros, de maior escala, por certo, permitam retirar conclusões mais sólidas a este nível.

Segundo, as ocorrências encontradas no corpus foram bastante inesperadas pois acreditávamos serem consideráveis os números de realizações, o que não se veio a verificar, existindo mesmo provérbios com realização nula. Desta forma a tentativa de relação entre as ocorrências no corpus e o conhecimento dos jovens tornou-se inviável.

Terceiro, a pesquisa em texto jornalístico revelou-se importante, na medida em que permitiu que se elaborassem duas hipóteses que consideramos relevantes. A primeira é a de que a utilização de provérbios poderá estar mais associada a jornais regionais, mais conservadores da cultura e tradição proverbial portuguesas e a segunda é a de que a enunciação de provérbios poderá estar relacionada com questões de índole idiolectais.

Quarto, e último, a relação entre os resultados dos inquéritos e os resultados da pesquisa tornar-se-ia produtiva depois de se conseguir, antes de mais, aumentar o universo de resultados de inquérito em zonas urbanas e rurais, no sentido de se concluir da existência ou não de um padrão singular e, posteriormente, confirmar ou infirmar a hipótese que nos surgiu após a análise dos textos encontrados na pesquisa: a de que os provérbios surgem mais associados a jornais regionais.

No entanto, pensamos que o projecto foi bastante produtivo no sentido em que poderá, como dissemos acima, suscitar o interesse sobre este assunto.

Trabalho a trabalho chega o investigador ao demandado.

## REFERÊNCIAS

Macário Lopes, A.C. (1992) *Texto Proverbial Português Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Coimbra.

[http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2010\\_DRN/AEE\\_10\\_Ag\\_Baixo\\_Barroso\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2010_DRN/AEE_10_Ag_Baixo_Barroso_R.pdf)  
Acedido em 28-06-2010

[http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE\\_2008\\_DRN/AEE\\_08\\_Agr\\_Rio\\_Tinto\\_R.pdf](http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2008_DRN/AEE_08_Agr_Rio_Tinto_R.pdf)  
Acedido em 28-06-2010

<http://www.linguateca.pt/cetempublico/>

<http://fugaspublico.blogspot.com/2010/04/fugas-check-in-quando-esmola-e-grande.html>  
Acedido em 20-05-2010

[http://www.jornalbeiravouga.com/news/index.php?option=com\\_content&task=view&id=929&Itemid=95](http://www.jornalbeiravouga.com/news/index.php?option=com_content&task=view&id=929&Itemid=95)  
Acedido em 28-06-2010

[http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/mario-soares-avisa-o-ps-contr-a-pobreza-e-as-desigualdades\\_1330173](http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/mario-soares-avisa-o-ps-contr-a-pobreza-e-as-desigualdades_1330173)  
Acedido em 28-06-10

<http://tv1.rtp.pt/noticias/?article=55215&visual=3&layout=10>  
Acedido em 28-06-2010

<http://www.jornaldofundao.pt/noticia.asp?idEdicao=105&id=6363&idSeccao=998&Action=noticia>  
Acedido em 28-06-10

[http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content\\_id=1541030&seccao=Biosfera](http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1541030&seccao=Biosfera)  
Acedido em 28-06-2010

<http://www.jornaldofundao.pt/noticia.asp?idEdicao=105&id=5453&idSeccao=981&Action=noticia>  
Acedido em 28-06-2010

<http://www.jornalovianense.com/noticia.asp?idEdicao=81&id=2330&idSeccao=656&Action=noticia>  
Acedido em 28-06-10

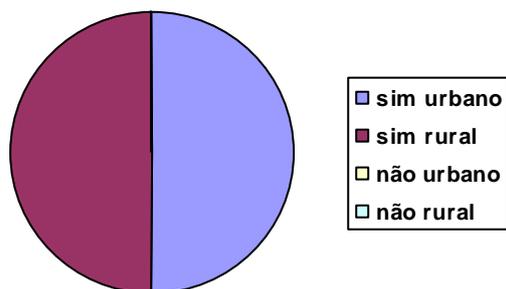
<http://www.avozdermesinde.com/noticia.asp?idEdicao=138&id=4474&idSeccao=1282&Action=noticia>  
Acedido em 28-06-10

<http://tv1.rtp.pt/noticias/index.php?t=Meteorologistas-a-espera-de-intemperies.rtp&headline=20&visual=9&article=338240&tm=8>  
Acedido em 28-06-2010

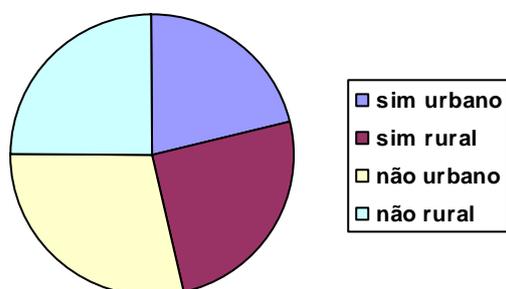
# Anexos

Comparação rural / urbano 9ºano

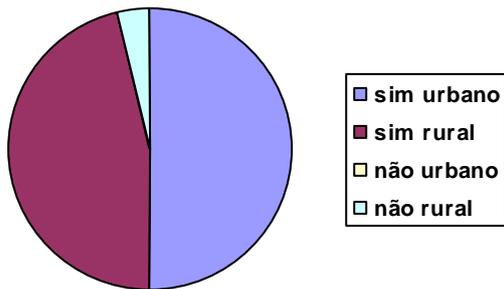
PROVÉRBIOS	SIM		NÃO	
	E.U.	E.R.	E.U.	E.R.
“Quem tudo quer tudo perde.”	40	40	0	0
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	17	20	23	20
“Quem avisa amigo é.”	40	37	0	3
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	29	31	11	9
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	26	29	14	11
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	31	30	9	10
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	4	1	36	39
“Em Abril águas mil.”	39	37	1	3
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	31	31	9	9
“A fome é o melhor tempero.”	13	9	27	31
Total	535 / 800		265/800	



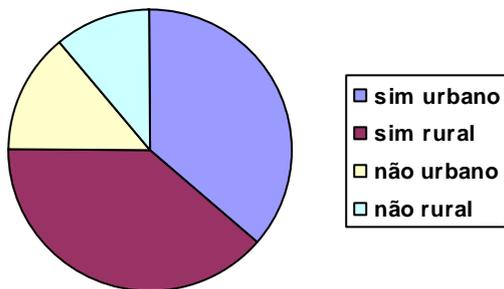
"Quem tudo quer tudo perde"



”Casa de ferreiro, espeto de pau”

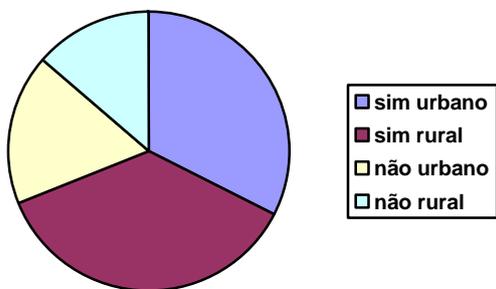


“Quem avisa amigo é”

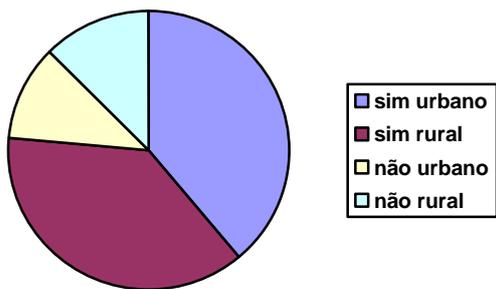


trabalhos”

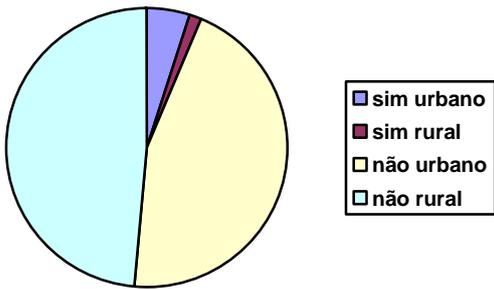
“Quem se mete por atalhos, mete-se em



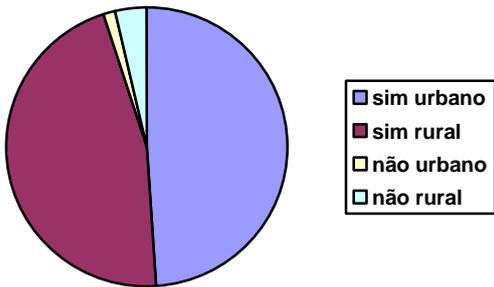
“Filhos criados, trabalhos dobrados”



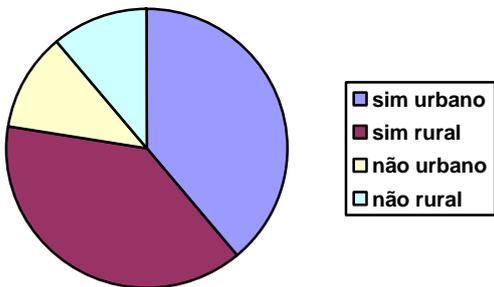
“Sorte ao jogo azar ao amor”



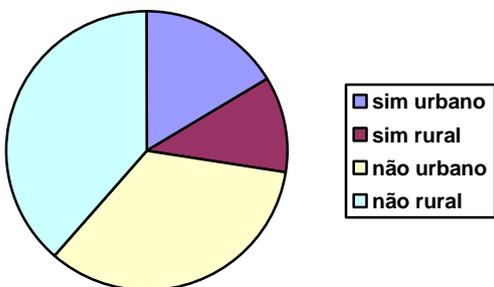
“Pedir a avarento é caçar no mar”



“Em Abril águas mil”



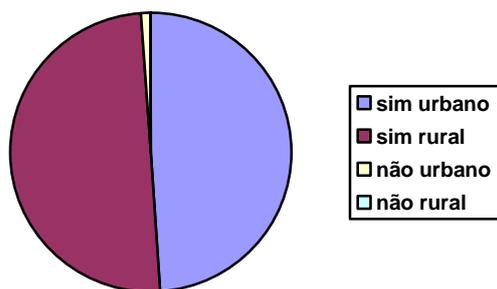
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta”



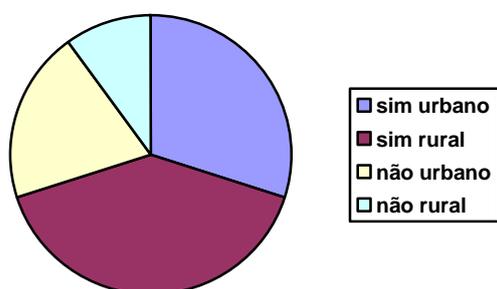
“A fome é o melhor tempero”

Comparação rural / urbano 12ºano

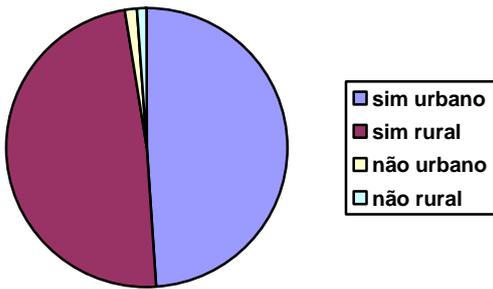
PROVÉRBIOS	SIM		NÃO	
	E.U.	E.R.	E.U.	E.R.
“Quem tudo quer tudo perde.”	39	40	1	0
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	24	32	16	8
“Quem avisa amigo é.”	39	39	1	1
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	34	36	6	4
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	33	36	7	4
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	38	37	2	3
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	4	7	36	33
“Em Abril águas mil.”	39	38	1	2
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	24	39	16	1
“A fome é o melhor tempero.”	12	6	28	34
Total	596/800		204/800	



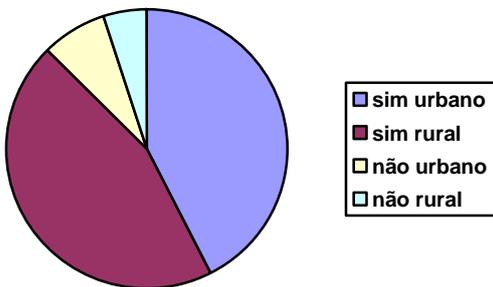
“Quem tudo quer tudo perde”



“Casa de ferreiro, espeto de pau”

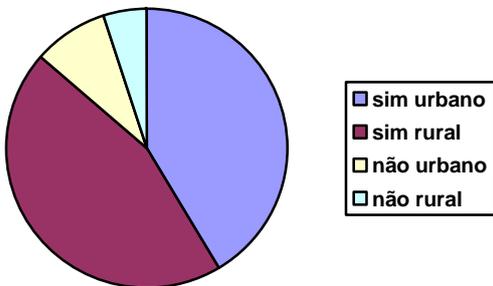


“Quem avisa amigo é”

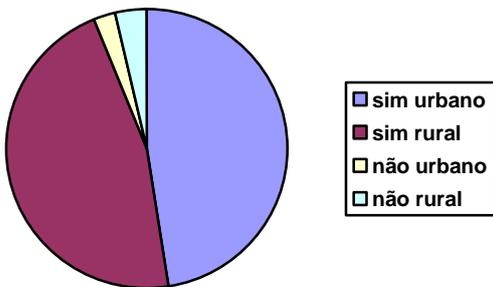


trabalhos”

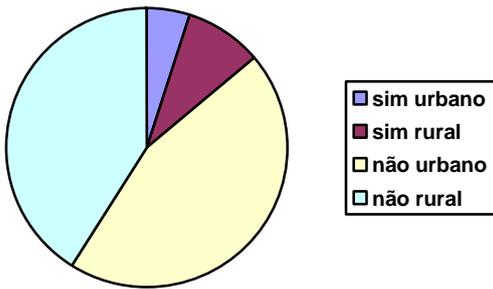
“Quem se mete por atalhos, mete-se em



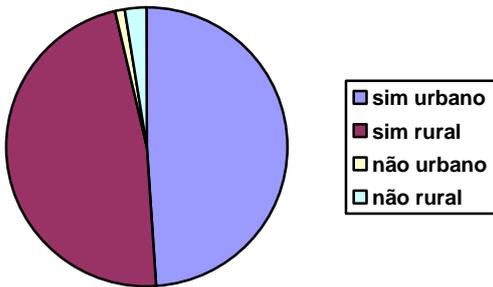
“Filhos criados, trabalhos dobrados”



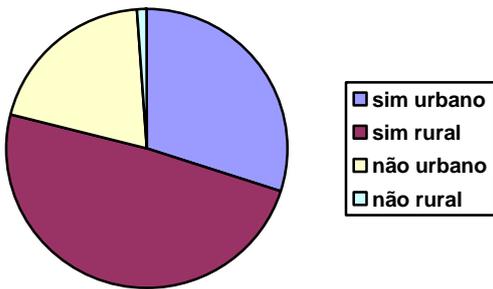
“Sorte ao jogo, azar ao amor”



“Pedir a avarento é caçar no mar”

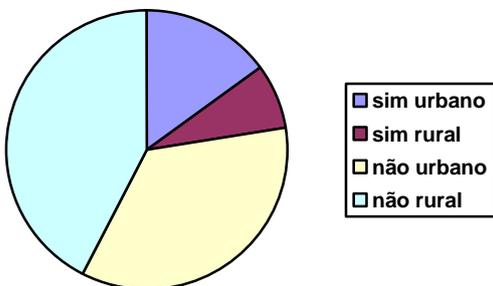


“Em Abril águas mil”



porta”

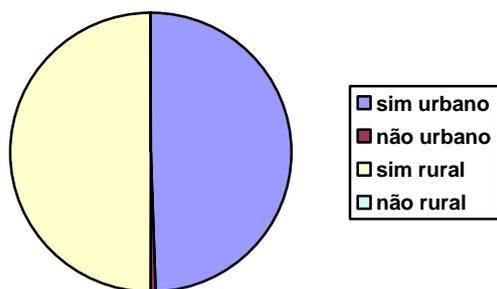
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à



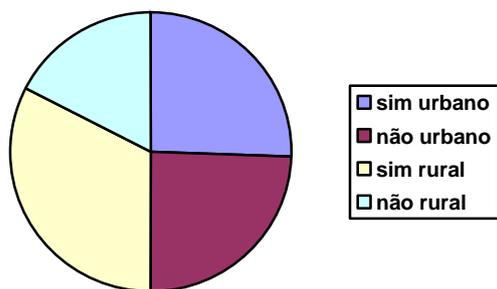
“A fome é o melhor tempero”

Rural vs Urbano

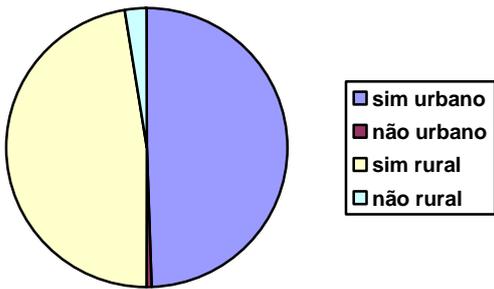
PROVÉRBIOS	EU		ER	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
“Quem tudo quer tudo perde.”	79	1	80	0
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	41	39	52	28
“Quem avisa amigo é.”	79	1	76	4
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	63	17	67	13
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	59	21	65	15
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	69	11	67	13
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	8	72	8	72
“Em Abril águas mil.”	78	2	75	5
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	55	25	70	10
“A fome é o melhor tempero.”	25	55	15	65
Total respostas	800		800	



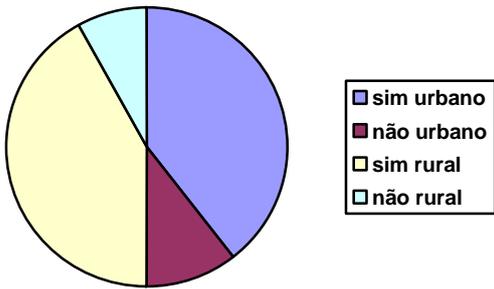
“Quem tudo quer tudo perde”



“Casa de ferreiro, espeto de pau”

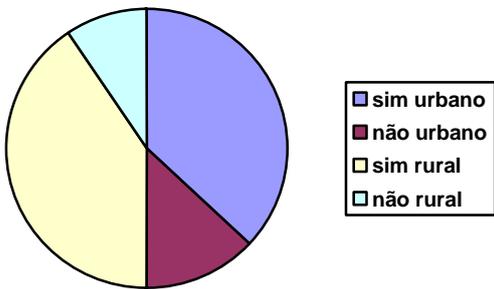


“Quem avisa amigo é”

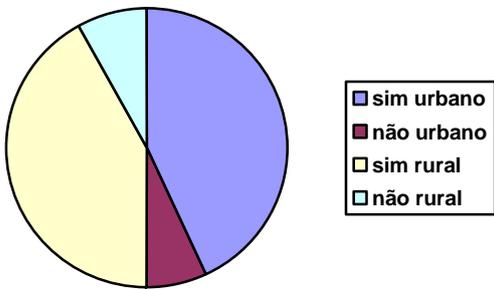


trabalhos”

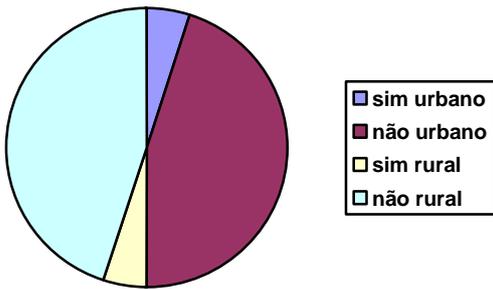
“Quem se mete por atalhos mete-se em



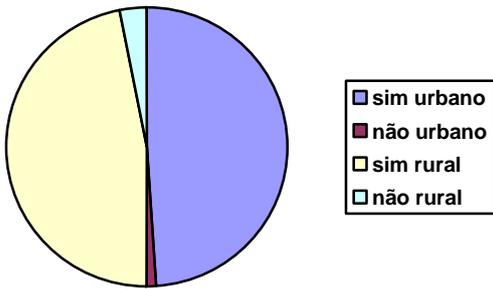
“Filhos criados, trabalhos dobrados”



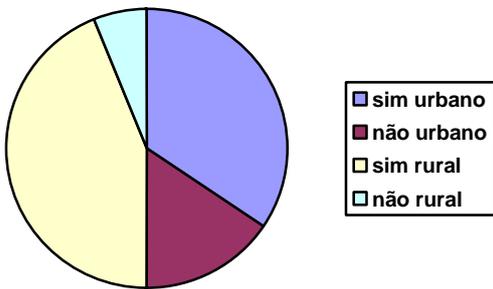
“Sorte ao jogo azar ao amor”



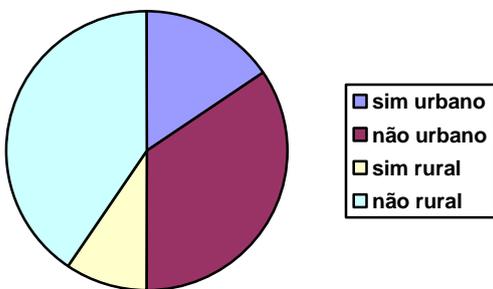
“Pedir a avarento é caçar no mar”



“Em Abril águas mil”

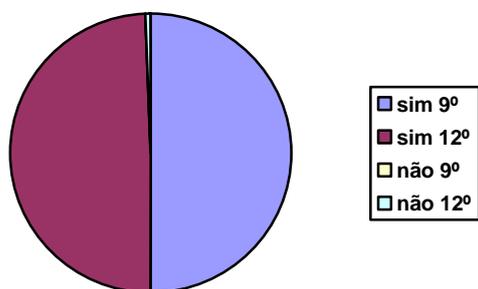


“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta”

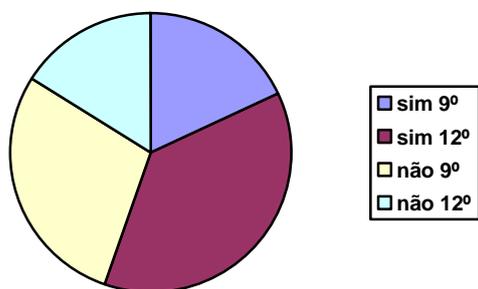


“A fome é o melhor tempero”

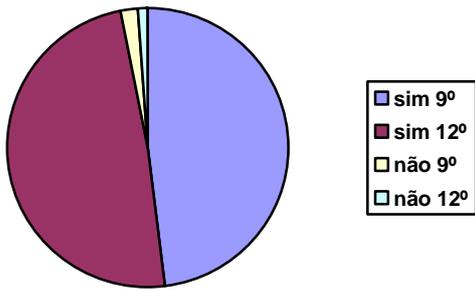
PROVÉRBIOS	SIM		NÃO	
	9º	12º	9º	12º
“Quem tudo quer tudo perde.”	80	79	0	1
“Casa de ferreiro, espeto de pau.”	27	56	43	24
“Quem avisa amigo é.”	77	78	3	2
“Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos.”	60	70	20	10
“Filhos criados, trabalhos dobrados.”	55	69	25	11
“Sorte ao jogo, azar ao amor.”	61	75	19	5
“Pedir a avarento é caçar no mar.”	5	11	75	69
“Em Abril águas mil.”	76	77	4	3
“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.”	62	63	18	17
“A fome é o melhor tempero.”	22	18	58	62
Total respostas	1131		469	



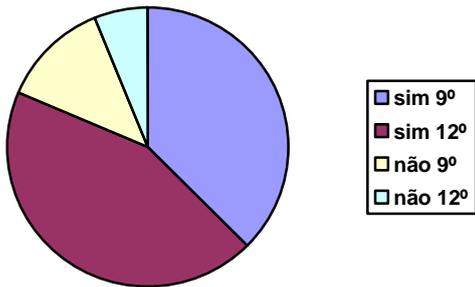
“Quem tudo quer tudo perde”



“Casa de ferreiro, espeto de pau”

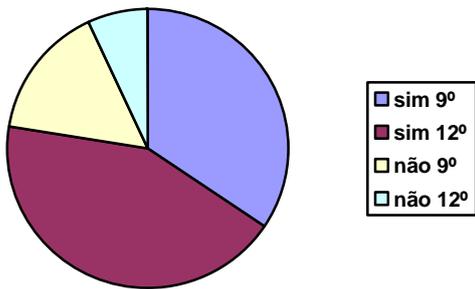


“Quem avisa amigo é”

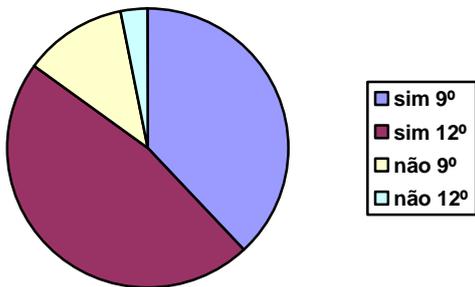


trabalhos”

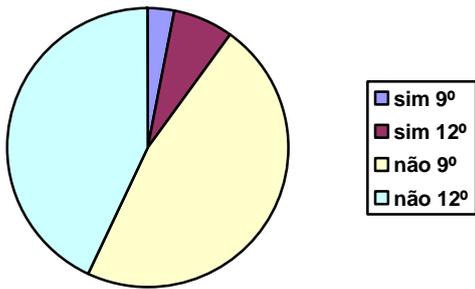
“Quem se mete por atalhos mete-se em



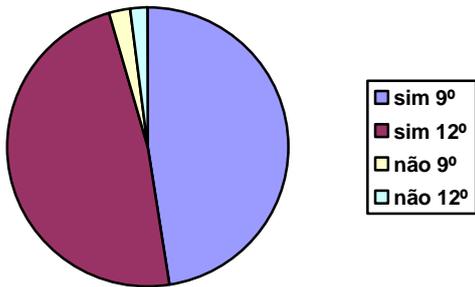
“Filhos criados, trabalhos dobrados”



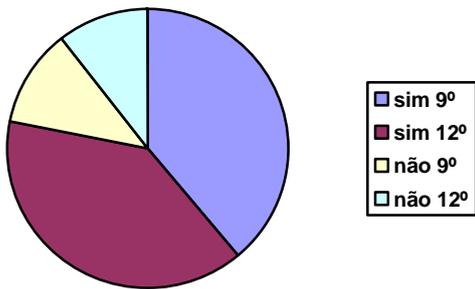
“Sorte ao jogo azar ao amor”



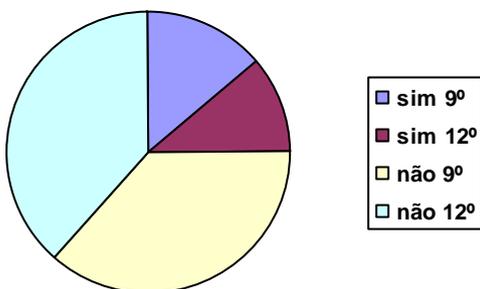
“Pedir a avarento é caçar no mar”



“Em Abril águas mil”



“Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta”



“A fome é o melhor tempero”

*De boas intenções está o inferno cheio (Ditado Popular)*

A evasão e a fraude fiscal são uma realidade com que os decisores políticos estão diariamente confrontados. As expressões “evasão fiscal” e “fraude fiscal” são muitas vezes tratadas como sinónimas, traduzindo a ideia de uma fuga ao pagamento de impostos. Assim, e devido ao facto de serem muitas vezes confundidos, importa especificar as particularidades de cada um dos conceitos.

Entende-se que, enquanto na evasão fiscal a redução da carga fiscal é alcançada através de meios legais aproveitando-se as lacunas da lei ou disposições legais deficientemente formuladas, na fraude fiscal esse objectivo é atingido através de manobras que têm na base procedimentos legalmente condenáveis e puníveis.

Segundo Freitas Pereira, “a fuga aos impostos é determinada pela própria existência destes e pelo natural desejo por parte dos cidadãos de minimização dos seus dispêndios”, sendo natural que, uma vez que não há qualquer contraprestação directa e imediata correspondente aos impostos pagos, o contribuinte evite, tanto quanto possível, pagá-los, variando apenas os meios para atingir esse fim.

Antes de tentar combater eficazmente a fraude fiscal, temos de ter uma noção clara das suas causas. Parece evidente que, sendo as taxas de tributação muito altas, sendo as sanções pouco importantes e havendo fracas possibilidades técnicas e humanas de fiscalização, a propensão à fraude surgirá naturalmente elevada. Obviamente que não se pode ter um fiscal ao lado de cada contribuinte, mas também não se pode deixar criar a ideia de que a probabilidade de uma inspecção é muito reduzida. De facto, como podemos observar no Relatório sobre o Combate à fraude e evasão fiscal, publicado em Janeiro passado, comparando o número de habitantes por inspector tributário em Portugal com outros países, verificamos que a nossa situação é claramente mais frágil. A título exemplificativo, enquanto que, em Portugal, existe um inspector por cada 6.922 habitantes, em Espanha, o número passa para os 6.322, na França, para os 3.522, na Itália, para os 2.434 e, na Finlândia, para os 1.820.

Por fim, importa salientar o facto de que o problema da evasão e da fraude não se limita à questão da diminuição das receitas feitas por parte do Estado. Outro factor também muito importante centra-se ao nível psicológico dos cidadãos, pois, sendo do conhecimento de todos situações de evasão sem castigo, agrava-se o sentimento de injustiça em certos contribuintes, o que multiplica os casos de fuga e fraude.

Temos de tentar assim travar esse ciclo vicioso, pois, se não forem tomadas medidas urgentes, a luta contra a fuga aos impostos continuará a ser em grande parte uma miragem ou um exercício que só apanha alguns e poucos.... Aumentar o número de acções de fiscalização, promover actuações rápidas para que as sanções sejam administradas de forma eficaz, incentivar o cumprimento voluntário através de um sistema fiscal mais simples, mais estável e com taxas mais moderadas, haver maior cruzamento de informação entre diversas entidades, facilitar o acesso da administração fiscal às contas bancárias dos contribuintes faltosos serão alguns dos caminhos a serem percorridos no sentido da resolução do problema em causa.

Cristela Bairrada

[http://www.jornalbeiravouga.com/news/index.php?option=com\\_content&task=view&id=929&Itemid=95](http://www.jornalbeiravouga.com/news/index.php?option=com_content&task=view&id=929&Itemid=95)

Mário Soares avisa o PS contra a pobreza e as desigualdades (27.05.2008 - 08:41 Por PÚBLICO)

O socialista Mário Soares, ex-Presidente da República (1986-96) sugere aos responsáveis do PS “uma reflexão profunda sobre as questões” da pobreza, das desigualdades sociais, sobre o descontentamento da classe média, descritas como as que “afligem mais” o país, bem como “as questões prioritárias com elas relacionadas”, que diz serem a saúde, a educação, o desemprego, a previdência social e o trabalho.

Soares pede com urgência políticas eficazes e compreensíveis para as populações (Daniel Rocha (arquivo))

“Quem vos avisa vosso amigo é”, diz ainda Mário Soares, num artigo de opinião publicado hoje no “Diário de Notícias”, onde considera que estas são “questões verdadeiramente prioritárias” sobre as quais “importa actuar com políticas eficazes, urgentes e bem compreensíveis para as populações”, e recomenda que isso seja feito “ainda durante este ano e no seguinte”, sob pena de o Governo “pôr em causa” tudo o que fez (e bem, segundo Soares) para “reduzir o défice das contas públicas e tentar modernizar a sociedade”.

Para Soares, é urgente “fortalecer o Estado e não entregar a riqueza aos privados”, porque “não

serão, seguramente, eles que irão lutar, seriamente, contra a pobreza e reduzir drasticamente as desigualdades”.

O ex-presidente socialista foi há dois anos o candidato à Presidência da República apoiado pela actual direcção do PS, em disputa também com outro socialista, o deputado Manuel Alegre, que concorreu sem o apoio do partido.

O custo de não seguir estes conselhos será, “inevitavelmente”, a continuação da subida nas sondagens do PCP e do Bloco de Esquerda, bem como dos seus líderes. Mário Soares lembra ainda que no debate entre os quatro candidatos a líderes do PSD dois deles “só falaram” nas desigualdades sociais e na pobreza.

Soares atribui a culpa pela actual situação a “causas externas” e fala de uma “crise profundíssima a que a liberalização neoliberal conduziu o mundo”, que diz poder vir a transformar-se numa “crise global deste ‘capitalismo do desastre’, pior do que a de 1929.

[http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/mario-soares-avisa-o-ps-contra-a-pobreza-e-as-desigualdades\\_1330173](http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/mario-soares-avisa-o-ps-contra-a-pobreza-e-as-desigualdades_1330173) 28-06-10

Câmara Municipal de Lisboa vai anular projectos urbanísticos com irregularidades dos últimos três anos **RTP**

António Costa decide anular todos os projectos urbanísticos das gestões anteriores sobre as quais recaiam irregularidades após aprovação da proposta sobre a sindicância aos serviços de urbanismo da edilidade.

Os vereadores aprovaram, por unanimidade, a proposta de António Costa, após análise do relatório da sindicância levada a cabo sobre os serviços de urbanismo. A decisão agora tomada terá implicações em vários projectos urbanísticos aprovados nos últimos três anos, já que determina a nulidade de deliberações de executivos camarários anteriores.

Na reunião ficou ainda decidida a realização de uma auditoria aos serviços do Património, com especial enfoque nas operações de alienação de solo municipal, naquela que é, também, uma recomendação da sindicância feita e ontem analisada.

Tendo a decisão de declarar a nulidade dos referidos projectos urbanísticos que contenham irregularidades implicações em terceiros, António Costa explicou que foi "decidido notificar todos os interessados nos termos do código de procedimento administrativo para serem ouvidos em audiência prévia sobre a declaração de nulidade".

Entre os casos de nulidade estão as revisões simplificadas do Plano Director Municipal levadas a cabo em 2003 quando Pedro Santana Lopes era o presidente da Câmara e que mexeram nomeadamente em projectos como Alcântara XXI e Aterro da Boavista. Confrontado com a

possibilidade de eventuais indemnizações que os interessados possam vir a desencadear judicialmente contra a Câmara, o presidente da edilidade explicou que Lisboa não pode ficar refém das possíveis consequências negativas das decisões que urge tomar.

"Não estamos reféns. A Câmara Municipal agirá com total liberdade na reposição da legalidade", afirmou. António Costa está confiante já que acredita que nem todas as declarações de nulidade poderão vir a dar lugar a indemnizações.

"Se houve actos ilegais, temos que agir em conformidade. Se a senhora magistrada sindicante propõe a declaração de nulidade, nós levamos essa proposta a sério", sublinhou o autarca da capital.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa citou o ditado popular que diz "quem se mete por atalhos, mete-se em trabalhos" para caracterizar determinadas situações que são relatadas no relatório da sindicância conduzida pela procuradora Elisabete Matos, nomeadamente as de "prescindir de planos de pormenor para fazer loteamentos ou mesmo prescindir de loteamentos para fazer licenciamentos".

"O que me preocupa é fazerem-se os planos de pormenor cuja inexistência conduzirá possivelmente a declarações de nulidade", afirmou.

Da reunião saiu ainda a decisão de instaurar processos disciplinares no seguimento das recomendações da referida sindicância, bem como a reapreciação dos projectos realizados nos últimos três anos e cujos autores tenham sido apontados no relatório.

Para implementação de uma proposta de reestruturação dos serviços de urbanismo foi aprovada a criação de um grupo de trabalho que tem agora 60 dias para apresentar o seu trabalho. Ficou ainda decidida a criação de uma "comissão para as boas práticas", de prevenção da corrupção.

Com a preocupação da transparência e da luta contra a corrupção na câmara da capital como pano de fundo os vereadores decidiram iniciar um processo de simplificação administrativa e entre as medidas já decididas conta-se a extensão da aplicação informática "Gesturb", de gestão urbanística, a todos os serviços, e a facilitação o acesso dos munícipes aos processos.

Durante o primeiro semestre deste ano será criada toda a regulamentação que permitirá que no futuro todas as chefias municipais sejam nomeadas por concurso.

Além do fim das autorizações que permitiram a funcionários públicos a acumulação de funções no privado, decidida por despacho de António Costa, foi aprovado o alargamento aos trabalhadores avençados das "mesmas regras de incompatibilidades que vigoram para os trabalhadores do município".

Acabaram também, por decisão camarária, as isenções de taxas urbanísticas em

construções que tenham lugar em solo com origem municipal, o que implica o fim das isenções destas taxas à Sociedade Gestora da Alta do Lumiar.

Por sugestão do Partido Social-Democrata, que queria ver escrutinado em matéria de urbanismo os mandatos de João Soares (PS) à frente da autarquia, os vereadores que queiram efectuar queixas não abrangidas na sindicância, poderão fazê-lo, até 23 de Janeiro.

Carmona Rodrigues diz que “daqui por diante nada será igual no urbanismo

Questionado sobre as alterações simplificadas ao Plano Director Municipal, levadas a cabo em 2003 quando era vice-presidente da autarquia, ao tempo presidida por Santana Lopes, Carmona Rodrigues garantiu que as decisões foram tomadas com base numa "informação da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional, tutelada pelo Ministério do Ambiente, que "validou essa decisão".

Carmona revelou ainda que está preocupado com as indemnizações que a Câmara possa ter de vir a pagar devido às declarações de nulidade mas é da opinião de que o Município tem de assumir as suas "responsabilidades".

Para o PSD “se há algum acto ilegal deve tirar-se dele responsabilidade”

A vereadora social-democrata Margarida Saavedra foi a única eleita do PSD que esteve na reunião. A vereadora preferiu realçar a inclusão das propostas sociais-democratas na deliberação aprovada, nomeadamente a possibilidade de serem apresentadas mais queixas, para que "as investigações se alargarem até ao tempo em que o doutor João Soares esteve na Câmara", assim como a inclusão da "gestão por objectivos com indicadores de gestão".

<http://tv1.rtp.pt/noticias/?article=55215&visual=3&layout=10>

### **Comprou concertina e casa, agora quer arranjar namorada**

**Depois de há um ano ter ganho um milhão e setenta e sete mil euros, Rui Vaz Gaudêncio continua em Salvador, a aldeia que o viu nascer. Já comprou uma casa e a concertina com que sempre tinha sonhado**

DEZ de Abril de 2009. No calendário o dia estava marcado feriado (Sexta-Feira Santa), mas seria o sorteio semanal do euromilhões que haveria de tornar a data inesquecível, pelo menos para Rui Vaz Gaudêncio, o homem de 45 anos, sem profissão certa, que de um segundo para o outro, deixou de ser conhecido como “Rui Pelintra” (alcunha pela qual sempre foi tratado devido à sua condição de pobreza), para se tornar no “Rui Milionário”. Os números que naquele dia andaram à roda ditaram que Rui Vaz Gaudêncio, natural da aldeia de Salvador, concelho de

Penamacor, que fizera uma aposta de quatro euros, ganhasse 1 milhão 77 mil 922 euros e 89 cêntimos.

“Tinha os cinco números e uma estrela. Percebi que tinha ganho dinheiro, mas nem sabia que era tanto. Só depois é que me disseram que era o segundo prémio”, conta Rui Vaz Gaudêncio quando passa exactamente um ano da data em que a sua vida mudou totalmente, ou talvez não. Afinal, apesar de ter ganho um valor que nunca imaginara ter, Rui Vaz Gaudêncio limitou-se a adquirir uma casa (modesta) na aldeia que o viu nascer e, tal como o JF adiantou na altura, cumpriu o sonho de comprar a concertina que sempre desejou ter.

“Eu nem sei tocar lá muito bem, mas sempre gostei de concertinas. Divirto-me com elas e já tinha tido umas mais pequenas. Nunca tinha comprado uma como esta porque não tinha dinheiro, mas depois quando recebi o prémio fui a Monsanto e escolhi a melhor que havia. Custou-me quase cinco mil euros”, conta, enquanto, à porta da nova casa, exhibe o instrumento, que as suas origens humildes nunca lhe tinham permitido ter.

“Eu fazia o que encontrava. Ia para Espanha apanhar fruta ou tratar de animais”, recorda este homem que, até aquela data, nunca tinha tido cartão de crédito, ou conta em instituições bancárias.

“Agora trabalho com dois bancos que me indicaram logo na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Aliás, eu nem nunca vi o dinheiro ficou logo depositado”, refere Rui Vaz Gaudêncio, que passou a viver dos juros obtidos por esse dinheiro.

“Eu não gasto assim tanto. Nos cafés até gasto menos do que antigamente porque eu gosto de beber, mas tenho medo de me embebedar e perder o controlo. Não posso voltar a perder tudo”, diz, garantindo que nunca ninguém lhe foi bater à porta para pedir dinheiro. “Ajudo a minha família. Tenho quatro irmãos. Eles continuam a trabalhar, mas a vida é difícil por isso vou-lhes dando algum”, refere.

“Quanto aos investimentos para si próprio, Rui Vaz Gaudêncio, que tem enfrentado alguns problemas de saúde, não se mostra muito ambicioso. “Quero ver se compro um carro, mas como ainda não tenho carta, não sei... Pode ser que arranje uma namorada que saiba conduzir”, atira, assumindo que “encontrar uma companheira”, é agora o seu principal desejo. “Sei que tenho de ter cuidado porque há gente que pode mostrar interesse só por causa do dinheiro. Se já tive sorte uma vez, pode ser que ela se repita, mas agora no amor”, atira, este euromilionário, que continua a apostar naquele concurso.

“Não é com a mesma chave porque aquela era da máquina e nem a guardei, mas já ganhei mais duas vezes. De uma vez deram-me dez euros e noutra ainda tive 25 euros”, conta Rui Gaudêncio.

Sorte que não o assusta, nem tão pouco quando se lhe recorda que há quem diga que quem tem sorte ao jogo pode ter azar no amor. “Pode ser que isso mude comigo e que eu ainda arranje uma companheira que goste de mim de verdade”, conclui.

Catarina Canotilho

<http://www.jornaldofundao.pt/noticia.asp?idEdicao=105&id=6363&idSeccao=998&Action=noticia>

### **"Em Abril, águas mil" e os frutos atrasados na árvore**

Esta Primavera, a produção de fruta está atrasada duas a três semanas porque as estações do ano estão a fugir aos padrões normais.

Calor até perto do Inverno, chuvas e frio prolongados já em plena Primavera. As estações do ano estão a mudar, o que altera também o calendário em que os frutos começam a aparecer nas árvores. Na Cova da Beira, por exemplo, a produção de cerejas está atrasada três semanas, numa altura em que os agricultores já deviam estar quase a preparar-se para colher o fruto.

Lurdes Carvalho, professora da Escola Superior Agrária de Castelo Branco, acompanha pomares desde 1986 e refere que há cada vez mais anos com condições meteorológicas afastadas do típico clima temperado de Portugal, o que vem trazer consequências nas árvores fruteiras. "O Outono arrasta-se até Novembro ou Dezembro, depois há vagas de frio, com picos de calor" e a chuva que devia cair no inverno "desloca-se para os meses de Primavera e até para Junho."

Como consequência, a floração está atrasada duas a três semanas e aumenta o risco de os frutos não serem tão carnudos e saborosos. Lurdes Carvalho aponta precisamente o exemplo da cereja, fruto típico do distrito na zona da Cova da Beira e a sul da Gardunha. Por ano, na região da Cova da Beira comercializam-se cerca de seis mil toneladas deste fruto que, este ano, deverá chegar cerca de duas semanas mais tarde.

"As condições climáticas que se fizeram sentir não foram favoráveis e atrasaram a floração da cerejeira. Aparentemente o ciclo de produção está atrasado cerca de duas semanas, mas isso não quer dizer que haja menos cereja ou durante menos tempo. Teremos é cereja mais tarde e até mais tarde", adiantou ao DN Filipe Costa, da CerFundão, empresa de comercialização da cereja.

Quanto à produção, este engenheiro técnico esclarece que "é absolutamente prematuro fazer prognósticos porque ainda estamos no período do início da floração, mas não sabemos qual será a percentagem de vingamento". "Além disso, como sempre, estamos dependentes das condições climáticas que se façam sentir durante estas semanas e que são fundamentais porque a cereja nesta altura precisa de muito sol e de temperaturas quentes", conclui.

Se estas condições não se reunirem, Lurdes Carvalho alerta que "o consumidor pode sentir que a cereja não corresponde ao que está habituado. Pode não ser tão firme e doce", porque o período de colheita, que antes ia de Abril a Julho, está cada vez mais concentrado em Maio e Junho.

A instabilidade das estações do ano traz os mesmos problemas para outros frutos e todos ficam mais expostos a doenças e deformações, o que acarreta prejuízos. "Se um produtor investe no pomar para ter 100 unidades de um fruto e no final só colhe 20, obviamente que vai sofrer", resume a investigadora. Mesmo a fruta que é colhida está mais sujeita a estragar-se em casa de quem a compra por causa da instabilidade atmosférica no ciclo de maturação.

A instabilidade na meteorologia está também a mudar o mapa dos pomares. Exemplo disso é o desaparecimento dos pomares de maçã do lado sul da Gardunha. "Passaram para norte, onde agora há zonas mais frescas e onde há mais água para o fruto vingar", referiu Lurdes Carvalho. A área de pereira é também reduzida, sobretudo por questões comerciais, mas também por causa dos problemas causados pelo acentuado arrefecimento nocturno. Algumas frutas sofrem, outras adaptam-se melhor. O pessegueiro é das culturas que menos se queixam das variações da meteorologia, assim como a vinha.

Catarina Canotilho

[http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content\\_id=1541030&seccao=Biosfera](http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1541030&seccao=Biosfera)

### Conquistar palmo-a-palmo a terra ao abandono

Regressaram de Lisboa depois da reforma para se dedicarem à agricultura. Venceram. Onde antes havia terra abandonada, hoje produz-se vinho. Deixou para trás a informática e optou pela agricultura. Com apenas 29 anos já é proprietário de 20 hectares de pomares de cerejeiras

Pegadas calcadas no solo a clamar atenção da chuva. O borralho recolhe-se no vento que serpenteia a serra. Arvoredo a perder de vista. Voltou a ouvir-se o apelo da terra, o chamamento para o regresso à génese. Pegada após pegada, testemunho perpétuo dos que estão a regressar ao ponto de partida. As mãos e rostos crispados pelo trabalho. O olhar desviado para os céus na expectativa da antecipação da combinação da lotaria da meteorologia em tempos onde o tempo é. É que já nem os ditados forjados em gerações são clarividentes. "No princípio ou no fim, costuma Abril ser ruim". "Em Abril, águas mil". O pó da terra seca levanta-se em cada passada.

Ser agricultor é profissão de fé. É depositar no inquebrantável destino, na madrasta roleta da sorte e do azar, a colheita que, se boa ou má apenas uma fracção de si dependerá. Que o céu

não desabe. É que o desejo está longe de ser imposição ou certeza. Resta olhar para o céu. Mirar as nuvens, sentir o vento a baloiçar nas folhas. Tratar do que de nós depende e deixar à divina providência o que é dela, que é quase tudo.

As botas persistem em açoitar o solo sedento de água. A agricultura, o lançar das mãos à terra, os cheiros, o amanhar, o ver crescer está a voltar a fazer parte da realidade de muitos portugueses. A terra voltou a clamar por atenção. Há hortas que se se plantam, há terras que se limpam e se lavram. Há quem plante as suas batatas, as suas alfaces, o seus feijões. Se a carteira passa por aflições, a terra, mais uma vez, é sustento. Se as opções de investimento estão reduzidas, a terra é mais uma vez fonte de opções. O chamamento faz-se ouvir. Há quem lhe responda, como veremos adiante. Pelas mais diversas razões, o canto da sereia encantou e há quem mais encantará. O regresso para alguns. A sobrevivência amanhada diariamente. Há vida por essas hortas, quintas e pomares.

O pó levanta-se, alto, resoluto, raptado pelo vento que corta a direito. As folhas do pomar vibram. Por baixo, as primeiras cerejas assomam. O proprietário, novo, menos de 30 anos, está no alto do seu pomar. Vigia, feliz. Este é o primeiro ano que vai ter fruta das árvores que plantou. O resto, o suor, o vento já levou.

Nuno Francisco

[http://www.jornaldofundao.pt/noticia.asp?idEdicao=105&id=5453&idSeccao=981&Action=no ticia](http://www.jornaldofundao.pt/noticia.asp?idEdicao=105&id=5453&idSeccao=981&Action=no%20ticia)

## PÁSCOA NO MINHO, NO ALTO-MINHO OU NO VERDE MINHO

Vive-se mais uma vez o Compasso.

Na Páscoa no Minho, sente-se a despertar da Primavera, embora ainda surjam dias de nevoeiro cerrado e chuvas copiosas. “Em Abril, águas mil”, lá diz a ditado. Os campos enchem-se de ervas viçosas que alimentam as animais domésticos que nas dão a carne e a leite; as árvores, cheias de flores, anunciam já uma boa colheita de frutos saborosos e suculentos.

A Natureza no Minho, é toda ela, uma festa de cor e alegria.

Embora a Mundo continue em constante mutação, embora surjam diariamente nos meios da Comunicação Social colóquios e mesas redondas sobre o papel da Igreja Católica no Mundo actual, nas cidades, vilas e sobretudo nas freguesias minhotos, impera ainda a uso e costume do Compasso Pascal.

Logo de manhã, quer faça chuva ou faça sol, o padre ou outro dignatário da Igreja, acompanhado pelo mordomo que transporta a Cruz, feita em Prata, enfeitada de flores, e pelas acompanhantes

que levam as foguetes e as campainhas, bem como a água benta, inicia a longa caminhada que o vai levar a todas as casas da freguesia que abram as suas portas para receberem a Bênção Pascal e entregarem ao sacerdote ou seu substituto, a cõngrua, que é o pagamento feito aos párocos para o seu sustento.

Em Afife, freguesia da Alto-Mínho, com a seu Monte de Santa Antónia altaneiro, ande passei a minha juventude, à beira mar plantada, eterna Noiva da Mar, com as suas paradisíacas praias, de areias finas e cintilantes, a celebração da Páscoa tem as características próprias da Alto Mínho. Flores de rosmaninho, de jarras e alecrim em frente da porta das casas desta freguesia, esperam a chegada da séquita pascal.

Uma vez chegado, é recebido com pompa e circunstância, pela família que, após beijar a Cruz, oferece ao Compasso, momentos de repouso, já que a jornada é grande.

As iguarias, em cima da mesa, farta de tudo, desafiam os mais “experts” na arte de bem comer e bem beber.

Depois, bem depois, é tempo para continuar a percorrer a freguesia, ávida da visita da Cruz da Redenção.

No entanto, no Mínho, há tradições muito peculiares em algumas terras.

No concelho de Ponte de Lima, uma das singularidades da Páscoa Minhota verifica-se na freguesia de Fontão. Compete ao mordomo de Fontão oferecer um lauto jantar à população da freguesia, a que se associam outros convidados.

Mas, além da obrigação do jantar, com pelo menos seis pratos, existem outras diversidades. Juntamente com o Compasso, segue uma fanfarrinha de bombos e gaiteiros. Também em Vitorino das Donas, aparece com o Compasso um grupo de tocadores de violinos, levando os homens lenços amarrados à cabeça e, por cima das opas, toalhas de linho a tiracolo.

Perguntará o leitor, porquê? Porque a toalha de linho protege a prata da Cruz e o linho é um elemento tradicional da região minhota.

Outra tradição da Páscoa minhota, é a Queima do Judas, no sábado de Aleluia, em Arcozelo, na Correlhã e noutras localidades.

Erguido o Judas, que representa personalidades da freguesia, envolvidas em negócios ilícitos, de terrenos ou dinheiro, negócios de “saías” ou má conduta moral, é o mesmo destruído por explosivos, colocados dentro da figura, reduzindo-a a um monte de cacos e poeiras.

Este Auto de Fé é concluído com a leitura de quadras de escárnio e maldizer, completando-se assim o ajuste de contas.

Caro leitor: a Igreja Católica, faz parte do património que Portugal herdou do passado, quando se constituiu nação independente (Século XII).

O Espírito da Páscoa da Ressurreição continuará vivo no coração dos portugueses em geral e nos minhotos em particular.

A terminar, fica aqui um convite. Vá a Fontão no dia de Páscoa. Coma e beba até o estômago dizer “basta”.

Antero Sampaio

<http://www.jornalovianense.com/noticia.asp?idEdicao=81&id=2330&idSeccao=656&Action=noticia>

### **Em casa de ferroiro... espetos de papel, plástico e vidro**

Numa destas tardes de domingo, bem na frente das instalações da Lipor em Baguim do Monte e lado a lado com um mupi também da Lipor sobre o ecocentro da Formiga, era este o muito pouco exemplar panorama que qualquer munícipe podia observar. Ainda mais caricato, tenha ou não tenha a Lipor qualquer funcionário aqui de serviço neste dia da semana, é a presença logo ao lado de uma portaria desta de associação municipal. Quem resolve isto? É que, com exemplos assim, lá vai a pedagogia!

Luís Chambel

<http://www.avozdermesinde.com/noticia.asp?idEdicao=138&id=4474&idSeccao=1282&Action=noticia>

Meteorologistas à espera de intempéries

A intempérie da noite de quarta-feira não surpreendeu os meteorologistas, que até recordam o ditado: "Em Abril, águas mil". E acrescentam os especialistas que as últimas primaveras, em Portugal, é que foram diferentes do que é normal para a época. (2010-04-22 13:26:22)

<http://tv1.rtp.pt/noticias/index.php?t=Meteorologistas-a-espera-de-intemperies.rtp&headline=20&visual=9&article=338240&tm=8>